



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM E FORMAÇÃO
DOCENTE - LINFOR

FRANCISCO DE ASSIS RAMOS DE ANDRADE

TÍTULO DO TRABALHO: A PRÁTICA DO LETRAMENTO PELO PROFESSOR
ALFABETIZADOR X EDUCADOR LETRADOR

Recife, 30 de novembro de 2024

2024

FRANCISCO DE ASSIS RAMOS DE ANDRADE

**TÍTULO DO TRABALHO: A PRÁTICA DO LETRAMENTO PELO PROFESSOR
ALFABETIZADOR X EDUCADOR LETRADOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Estudos da Linguagem e Formação Docente da Universidade Federal de Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Estudos da Linguagem e Formação Docente.

Orientador (a): Prof.Dr.Wellington Marinho de Lira

Recife. 30 de novembro de 2024

FRANCISCO DE ASSIS RAMOS DE ANDRADE

TÍTULO DO TRABALHO: A PRÁTICA DO LETRAMENTO PELO PROFESSOR
ALFABETIZADOR X EDUCADOR LETRADOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Estudos da Linguagem e Formação Docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Estudos da Linguagem e Formação Docente.

Aprovado em: ____ / ____ / 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wellington Marinho de Lira (Orientador)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dr. Paulo Roberto de Souza Ramos (Examinador)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª. Júlia Larré (Examinador)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

TÍTULO: A prática do letramento pelo professor alfabetizador x educador letrado

TITLE: The practice of literacy by the literacy teacher x literacy educator

**Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE - Pós Graduação - LINFOR
Francisco de Assis Ramos de Andrade – Orientando
Prof. Dr: Welington Marinho de Lira – Orientador**

RESUMO

Os termos letramento e alfabetização por diversas vezes podem ser confundidos principalmente por imaginar que letrado é o indivíduo que sabe ler e escrever, mas por outro lado pode se pensar que a pessoa pode ser letrada e não alfabetizada. Nesse sentido o professor alfabetizador detém-se a leitura e a escrita dos alunos, mas caso o mesmo tenha um nível elevado de multiletramento, passa a ser um mediador em equilíbrio pois não pretende impor seu conhecimento, e sim manter a relação dialógica como os mesmos. Sem esquecer do direito que o aluno tem de aprender a língua culta padrão, conforme determina os documentos oficiais, mas que não é plural, cabendo ao professor ou o educador realizar a inclusão de práticas de ensino afeiçoadas ao contexto em que a comunidade escolar está localizada.

Palavras-chave: *multiletramento- contexto - alfabetização - professor - educador - práticas de ensino*

ABSTRACT

The terms literacy¹ and alphabetization can often be confused, mainly because it is believed that a literate person is someone who knows how to read and write, but on the other hand, it can be thought that a person can be literate and not literate. In this sense, the literacy teacher focuses on the students' reading and writing, but if the student has a high level of multiliteracy, he or she becomes a balanced mediator, as he or she does not intend to impose his or her knowledge, but rather to maintain a dialogical relationship with the students. Without forgetting the student's right to learn the standard formal language, as determined by official documents, but which is not plural, and it is up to the teacher or educator to include teaching practices that are appropriate to the context in which the school community is located.

Keywords: *multiliteracy - context - literacy - teacher - educator - teaching practices*

¹O termo **literacy** é importado da literatura anglo-saxônica e refere-se "ao conjunto de habilidades de leitura e da escrita". Na tradução do abstract por não haver uma tradução fidedigna do termo **letramento**, entenda-se "como preparação dos alunos para participação efetiva e competente nas práticas sociais e profissionais que envolvem a língua e a escrita" (Gabriel. Rosângela. Letramento, Alfabetização e Literacia: Um olhar a partir da ciência da Leitura". Revista Práxis, vol.2,2017;P.9. Centro Universitário Feevale).

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Capucho (2012) apud Nosella (2005) *“afirma que nos anos 1980 o termo “educador” sobressaiu-se ao “professor”, justamente porque semanticamente explicitava a necessidade de engajamento ético-político e negava o reducionismo da prática pedagógica”*. O “professor” como agente de transformação do conhecimento de forma alguma pode ficar inerte diante da pluralidade e heterogeneidade que cada espaço de ensino e aprendizagem proporciona. A sua autonomia em sala de aula e a forma com que realiza a transposição didática deve ser um diferencial, e que no ensino de línguas parece ser ainda mais imprescindível, já que dominar por excelência a leitura e a escrita na prática social faz com que os indivíduos se tornem diferenciados, mas é preciso ter a compreensão conforme explica Street (2014):

“O estudo de letramento em perspectiva transcultural (através do tempo e do espaço) requer esse quadro teórico amplo, livre da pressuposição de que as consequências do letramento são as mesmas em todas as épocas e lugares de que, “retirados todos os “obstáculos”, ele sempre se manifestará da mesma maneira como se tem manifestado nas culturas ocidentais”.

Destarte são vários fatores que podem influenciar uma prática pedagógica ao moldes exigidos na contemporaneidade no que concerne a exigências de uma sociedade letrada, mas que aponta para o letramento em seus diversos níveis como forma de apropriar-se das construções sócio-históricas. O que fica bastante claro ao pensarmos o ser humano, como um ser cultural, histórico e social com capacidade de realizar uma releitura do mundo em que vive, escrevendo e reinterpretando sua própria história.

No entanto, os direitos de aprender a língua portuguesa escrita e falada no Brasil nas escolas, apesar de estarem estabelecidos nos documentos oficiais depara-se com alguns desafios dentre eles os saberes cristalizados pedagogicamente, o modelo autônomo de letramento sem colaboração entre os envolvidos no aprendizado, a falta de investimento em formação continuada de professores, formação acadêmica deficiente do professor de Letras, ausência de valorização de pesquisas voltada para a área da prática do ensino e limitação da gestão escolar. Nessa ótica cita Capucho (2012) apud (Santos 2000). *“Ao tratarmos da Educação em Direitos Humanos, não devemos ficar circunscritos aos limites de*

uma educação para a cidadania mutilada”. Não há cidadania sem haver inclusão dos direitos fundamentais respeitados, e dentre eles a educação em sua pluralidade. Na perspectiva de Street (2003): *propõe que as práticas de letramento são práticas essencialmente sociais, com sentidos situados/contextualizados, em distintas instituições e grupos sociais*. O mesmo é contrário a qualquer naturalização de um processo intelectual, como por exemplo: o ensino da gramática essencialmente tradicional e descritivo, assim como as formas de ensinar separada da análise linguística sem a efetiva participação do sujeito e seu contexto social.

Concernente ao que foi colocado em exposição o que se propõe analisar nas práticas de ensino relacionadas ao letramento são as abordagens inseridas nessa forma de ensino e aprendizagem sob o viés do conhecimento pedagógico tradicional, mas também sobre outras perspectivas de pesquisas mais recentes nesse tema.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Concepção de Letramento Modernista e Pós modernista.

Ao analisar teoricamente as práticas pedagógicas em sala de aula na contemporaneidade é preciso colocar no cerne dos questionamentos os períodos históricos e suas ideologias, práticas sociais, formas de ensinar e as relações de poder existentes nas instituições de ensino. As formas de ensinar e aprender vão procurando um sentido que não é apenas o de decodificar as palavras. E que segundo Duboc (2011): *“às novas formas de ser, conhecer e agir do sujeito contemporâneo se fundamentam na lógica da colaboração, do compartilhamento, e da experimentação no lugar da centralidade e da norma na construção do saber”*. Dessa forma o pensamento modernista dos modelos de ensino previamente estabelecidos e que deveria retornar a contento do que foi combinado em um manual e sem desenvolver a criticidade do aluno, não instiga a formação do cidadão que deverá ser preparado para a vida extra escolar.

O professor do ensino de línguas em sala de aula necessita adequar-se com a produção dos sentidos em que os multiletramentos estejam presentes, proporcionando na prática do ensino, segundo Duboc (2011): *“situações em que estejam presentes o compartilhamento, a experimentação, a colaboração e a distribuição em detrimento da individualidade, centralização, normatização,*

concentração”. A mestre em educação ainda subdivide em dois modelos essas características em “*sociedade tipográfica (letramento convencional) e sociedade pós tipográfica (novos letramentos)*” (DUBOC, 2011); sendo o primeiro período correspondente à modernidade e o segundo à pós-modernidade, respectivamente um durante o século XX e outro no final do século XX; até os dias atuais.

2.2 O letramento convencional entre os normativos curriculares e a prática do ensino

Percebe-se que os documentos reguladores da educação básica brasileira procuram adequar-se às novas formas de letrar, sem desacobertar o direito do aluno aprender a língua oficial brasileira tentando envolver as práticas de ensino tradicional com as mais modernas, mesmo com muitos desafios em meio a prática de ensino da linguística aplicada. Como explica Rojo (2012): “*passaríamos a falar em unidades semióticas mais diversas e complexas*”. E nesse sentido é que o professor educador passa a moldar o conhecimento atrelado às suas experiências de vida e também profissional a representação dos sentidos das formas de comunicar-se, contra qualquer forma cristalizada ou engessada de transposição didática de conhecimento. E que na afirmação de Rojo (2013) *apud Chevallard (1985)*: “*é o movimento pelo qual passamos do saber teórico (aqueles que os cientistas e teóricos elaboram) para o saber a ensinar (planejamento e materiais didáticos)e, através deste, ao saber ensinado (aquele que realmente acontece em sala de aula)*”. A prática de ensino ultrapassa a dimensão do currículo oficial, alcançando várias dimensões das formas letrar, mas também pode deter-se a um grupo social ou instituição escolar.

Equacionar o direito do aluno aprender a gramática tradicional e o ensinar a linguística aplicada conforme os normativos da educação exige do educador habilidade e competência que ultrapassam o planejamento contidos nos documentos oficiais, requer um trabalho sistematizado que envolve escola, educador e educandos em sua dimensão pedagógica, sócio-cultural e das relações de poder.

Desenvolver uma percepção sobre esses espaços em que a escrita parece permanecer de um lado e os sentidos da formação das palavras de outro é convergir ao ensino tradicional, *que segundo Martelotta (2010): a prática educativa tradicional insiste em moldar a língua de acordo com uso dos melhores autores*

clássicos, mas os linguistas olham primeiro para a fala, que cronologicamente precedeu a escrita em todas a parte do mundo. Para o linguista, as representações dos sentidos das palavras presentes na fala é uma forma mais ampla de estabelecer a comunicação com cada realidade.

Nesse contexto, a prática do ensino e aprendizagem que limita-se ao ensino das estruturas gramaticais, desconhecendo o lautor (leitor+autor), focada apenas na formação autônoma do sujeito, tampouco conseguirá explorar a representação dos sentidos, contextos e dimensões da realidade colaborativa da língua/linguagem em que a comunidade esteja envolvida, estando desconectada das mudanças práticas de linguagens de ensino da língua portuguesa.

2.3 Mudanças conceituais da linguagem inferem no dever do professor educador ensinar e no direito do aluno aprender

Nos dias atuais coexistem na escola brasileira de um lado o letramento convencional, apoiado basicamente no professor, resquício de uma sociedade tipográfica e do outro o multiletramento com o novo panorama da era digital e tecnológica, ou seja sociedade pós-tipográfica . Nesse aspecto é preciso considerar as mudanças conceituais no campo da linguagem conforme quadro expositivo da mestre em educação Duboc (2015):

Quadro 1 - Mudanças conceituais no campo da linguagem

	SOCIEDADE TIPOGRÁFICA	SOCIEDADE PÓS-TIPOGRÁFICA
LINGUAGEM	código	prática social
SENTIDO	"pronto" no texto	advém da relação leitor-texto
TEXTO	linear, estável, monomodal	alinear, dinâmico, multimodal
LEITOR	passivo	protagonista (lautor = leitor + autor)
ESCRITA	individual, normativa, "pura", privada	colaborativa, performativa, híbrida, pública
ESTÉTICA TEXTUAL	linguística	multissemiótica

Duboc (2015)

A disposição das mudanças conceituais temos as práticas de ensino que estão associadas diretamente ao contexto de determinações dos normativos oficiais da educação, assim como das inferências do meio social, cultural, ideológico e institucional. Dessa forma, sempre que nos reportamos a dividir por períodos as mudanças ocorridas na sociedade tipográfica e sociedade pós tipográfica, é preciso analisar como acontece a prática de ensino em suas especificidades. E saber diferenciar os conceitos de letramento científico e alfabetização científica é fundamental para o professor letrador (professor educador + educador letrador). E que segundo Bortoni-Ricardo (2018):

“Se a resposta dirige-se à aprendizagem dos conteúdos, ao domínio da linguagem científica, à memorização de terminologias, trata-se de alfabetização científica. Se os objetivos e as atividades de sala de aula referem-se à maneira do sujeito raciocinar sobre os fatos científicos e as práticas sociais do conhecimento científico, ocorre o letramento científico”.

As formas de ensinar conforme preconizam os currículos e normativos oficiais da educação não conseguem adentrar nas salas de aulas sem que haja acordos de motivações, negociações, socioemocionais e experiências é preciso não apenas pega nos papeis mas sentir cada ambiente escolar e suas ideias, verificando onde necessitam serem lapidadas na prática do ensino de línguas, na formação acadêmica apropriada dos professores e na transposição didática do saber. Conforme observa Bortoni-Ricardo (2018):

“A sala de aula concebida, como um ambiente interacional facilitador da inclusão e da permanência de todos os alunos, é por excelência um local de ensino e aprendizagem, o que torna fundamental a criação de um clima disciplinar, por meio da negociação de estruturas de participação e definição de papéis sociais”

Não podemos deixar de frisar que a concepção de linguagem interacionista do discurso de Bakhtin em que a construção da apreensão do conhecimento tem como premissa a troca de informações entre quem aprende e quem ensina, na dimensão sócio-histórica faz-se presente nos normativos educacionais vigentes como exemplo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a investigação de caráter qualitativo e bibliográfico com objetivo de comparar a prática de ensino voltada para alfabetização como porta de entrada para atingir o desenvolvimento autônomo e intelectual, em contrapartida com as novas formas de letramento que compreende uma visão inclusiva do campo social, cultural, histórico e ideológico sem perder de vista as singularidades inerentes a cada contexto em que esteja inserido a prática do ensino aprendizagem.

Para Gil (1999): *“o uso dessa abordagem propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada”*. Portanto, foi realizada uma busca em trabalhos já elaborados na área da linguística aplicada, bibliografias com temáticas voltadas para a prática de ensino, novos letramentos, formação de professores e agente letrador, tipos de letramentos, prática pedagógica e fortalecimento da cidadania assim como literaturas consideradas clássicas no campo da linguística, projetos nacionais de letramento da Universidade de São Paulo (USP) e estudos em livros de metodologia.

Para Lakatos & Marconi (2001): *“esse tipo de pesquisa visa estabelecer relações de causa-efeito por meio da manipulação direta das variáveis relativa ao objeto de estudo, buscando identificar as causas do fenômeno. Dessa forma foi observado uma problematização discorrido na fundamentação teórica”*. Os textos avaliados foram baseados nos seguintes parâmetros: elucidação dos conceitos sobre letramento e alfabetização e suas embricações no processo de ensino e aprendizagem; os documentos oficiais como pano de fundo foram situados como práticas pedagógicas estanques e influenciadoras do direito de aprender a língua oficial tradicional em detrimento das novas mudanças conceituais no campo da linguagem, mas não deixando de inserir o agente letrador (professor) como o principal instrumento de transposição didática do conhecimento, pois é conhecedor do ambiente de ensino e suas nuances.

4 RESULTADO

Apresenta-se como resultado dessa pesquisa bibliográfica a divergência do método proposto nos normativos oficial da educação básica, através de planejamento, currículos e propostas de ensino e sua inclusão na prática no ensino exigidas pelas mudanças ocorridas no campo da linguagem, em decorrência de

diversos fatores como formação acadêmica de professores adequada aos novos letramentos, quebras de paradigmas como o da alfabetização sinônimo de letramento, ausência ou descontinuidade de formações para professores nesse campo do saber, desacordo na interação entre professores; alunos e normativos oficiais da educação, onde pode-se incluir planos de aula, livros didáticos e avaliações que não contemplam ou promovem em parte os eixos entre os conteúdos apresentados nos currículos oficiais e a transposição didática que exigem as novas formas de letrar na contemporaneidade.

Outro ponto observado foi a inovação na estruturação didática do professor alfabetizador que preocupava-se em repassar o conhecimento científico apenas, e quando tentava avançar, assumia um papel de educador letrador, sem a habilidade e a profissionalização devida; em relação ao professor letrador que busca incluir na sua formação e atuação profissional as novas formas de letrar afeiçoada com o contexto de ensino e o ambiente escolar.

5 DISCUSSÃO

Nessa dinâmica pode-se problematizar a intervenção dos currículos oficiais da educação em detrimento da postura profissional do professor que aprende e do aluno como detentor do direito de aprender o estabelecido nos documentos oficiais, em uma conjuntura de ausência do redimensionamento necessário que equacione o ensino de gramática, a análise linguística (multiletramento) e o gênero do discurso em que pese o letramento crítico em que o aluno possa não apenas compreender e interpretar o texto, mas reinterpretar externando sua criticidade através da ressignificação dos sentidos.

Já em relação à agência do letramento e da alfabetização a pesquisadora em letramentos analisa Rojo (2009): *“a pertinência desta agência está em assumir os múltiplos letramentos da vida social como o objetivo estruturante do trabalho escolar em todos os ciclos”*. O ensinar para o exercício da cidadania ultrapassa as barreiras do letramento pedagógico, atingindo outras dimensões já colocadas em relevância nesse artigo.

No cerne da discussão temos o (professor alfabetizador x educador letrador) que está transformando-se no professor letrador que está em busca de uma prática de ensino em que professor e aluno tenha condições paritárias. Por sua vez, a

mestre em educação Duboc (2015): *“traça uma linearidade temporal, demonstrando como as mudanças conceituais no campo da linguagem incide na prática de ensino e conseqüentemente influenciam as alternâncias nos normativos oficiais da educação”*, que passam a acompanhar essa dinâmica. São apresentados três momentos de mudança conceitual do ensino da linguagem nesse artigo: o primeiro o ensino tradicional e gramatiquero voltado para gramática e suas reformulações; o segundo o ensino da linguística limitada a conformação do texto através da sua compreensão e interpretação e o terceiro ensino da linguística em que o leitor+autor (lautor) também é colaborador que analisa e expressa sua criticidade através da fala e da escrita com conhecimentos que ultrapassa seu letramento pedagógico.

E dando continuidade Bortoni-Ricardo (2018) e Street (2014) *“conceitua o que é letramento científico em uma visão pós moderna que já inclui o conhecimento pedagógico e as práticas sociais como forma de um letramento científico”*, afastando do paradigma de alfabetização como sinônimo de letramento e o colocando como parte das mudanças da forma de ensinar e aprender, ainda sustenta em sua tese que o letramento pedagógico através da leitura de gêneros textuais diversos como representação da vida social, histórico-cultural, ideológico, não pode prender-se às competências e habilidades de ler, analisar e interpretar o mundo através de clássicos da literatura, mas parte do princípio que é preciso conhecer a realidade vivenciada como parte do processo de conceber a escrita de maneira mais concreta e embasados em outros conhecimentos epistemológicos .

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa não esgota as possibilidades de que haja outros questionamentos sobre as abordagens colocadas sob análise, mas teve a pretensão de indicar um direcionamento para aqueles que pretendem engajar-se nessa proposta de estudo da Linguística Aplicada. As referências bibliográficas não foram concebidas como verdades absolutas e estáticas, mas passíveis de mudanças, pois a forma com que o homem se comporta e comunica-se em consequência do meio em que vive, o influencia de tal modo, ao ponto de colocar seus pensamentos como vontades de verdades imutáveis e absolutas, mas logo percebe que é algo transitório e procura buscar sentido e ressignificado para outras formas de comunicar-se. Perpassado toda a história da humanidade, só agora na pós-modernidade é que

percebemos que vivemos em uma sociedade líquida ou seja em constante transformações em um espaço curto de tempo. Conclui-se que a reflexão da prática de ensino e o discernimento das novas formas de aprender a linguagem ultrapassa o saber teórico, apontando-se para o saber fazer do professor, respeitando o dever de quem ensina e o direito de quem aprende.

7 REFERÊNCIA

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Formação de Professor como agente letrado**. São Paulo: Contexto, 2018.

CAPUCHO, Vera. **Educação de jovens e adultos: prática pedagógica e fortalecimento da cidadania**/ Vera Capucho- São Paulo: Cortez, 2012.

CHEVALLARD, Yves; JOHSUA, Marie-Alberte. **Um exemplo de análise da transposição didática: a noção de distância**. v. 3.1. Grenoble: Le Pensée Sauvage, 1982.

DUBOC, A. P. M. A. **Avaliação de Aprendizagem de línguas e os multiletramentos. Estudos em Avaliação Educacional**, 2015 site: <https://repositorio.usp.br/item/003032542>.

_____. **O “novo” nos novos letramentos: implicações para o ensino de línguas estrangeiras**. *Revista Contexturas: Ensino Crítico de Língua Inglesa*, v. 18, p. 9-28, 2011.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTELOTTA, Mário Eduardo da (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 157-176.

MOITA LOPES, L.P. Rojo Roxane. **Linguística Aplicada na Modernidade Recente**. São Paulo: Editora Parábola. 2013

NOSELLA, Paolo. **Compromisso político e competência técnica: 20 anos depois**. *Revista Educação e Sociedade*. Campinas v.26, n.90, jan/abr.2005

ROJO, R. 2009. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial.

ROJO, R.; Moura, E. 2012. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial.

SANTOS. Milton. **Ser negro no Brasil hoje: ética enviesada da sociedade branca desvia enfrentamento do problema negro**. Milton Santos, Folha de São Paulo 2000.

STREET, B. **Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento**. Teleconferência Brasil sobre o letramento, outubro de 2003.

_____. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**/Brian V. Street: Tradução Marcos Bagno. 1, ed – São Paulo: Parábola Editorial. 2014.